Patrimônio Cultural Religioso

A herança portuguesa nas devoções da Cuiabá Colonial

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

UFMT

Reitora
Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor
Francisco José Dutra Souto

Pró-Reitora Administrativa
Valéria Calmon Cerisara

Pró-Reitora de Planejamento
Elisabeth Aparecida Furtado de Mendonça

Pró-Reitora de Ensino de Graduação
Myrian Thereza de Moura Serra

Pró-Reitora de Ensino de Pós-Graduação
Leny Caselli Anzai

Pró-Reitor de Pesquisa
Adnauer Tarquínio Daltro

Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência
Luis Fabrício Cirillo de Carvalho

EdUFMT

CONSELHO EDITORIAL DA EdUFMT
Prof. Dr. Marinaldo Divino Ribeiro (Presidente)

Dr.ª Aida Couto Dinucci Bezerra
Dr.ª Alice G. Bottaro de Oliveira
Dr. Antonio Carlos Maximo
Dr.ª Cássia Virgínia Coelho de Souza
Dr.ª Célia M. Domingues da Rocha Reis
Dr.ª Eliana Beatriz Nunes Rondon
Dr.ª Elisabeth Madureira Siqueira
Ms. Gabriel Francisco de Mattos
Dr. Geraldo Lúcio Diniz
Dr.ª Janaina Januário da Silva
Ms. Joaquim Eduardo de Moura Nicácio
Dr.ª Leny Caselli Anzai
Dr.ª Maria da Anunciação P. Barros Neta
Dr.ª Maria Inês Pagliarini Cox
Dr. Marinaldo Divino Ribeiro
Dr.ª Mariza Inês da Silva Pinheiro
Dr.ª Marluce Aparecida Souza e Silva
Dr. Paulo Augusto Mário Isáac
Dr.ª Sandra Cristina Moura Bonjour
Dr.ª Telma Cenira Couto da Silva
Dr.ª Anna Maria R. F. M. da Costa (Comunidade)
Dr.ª Suíse Monteiro Leon Bordest (Comunidade)
Dr. José Serafim Bertoloto (Técnico)
Ms. Nileide Souza Dourado (Técnica)
Eliana Aparecida Albergoni de Souza (Acadêmica)
Sandra Jorge da Silva (Acadêmica)

Simone Ribeiro Nolasco

Patrimônio Cultural Religioso

A herança portuguesa nas devoções da Cuiabá Colonial

Ed UFMT
entrelinhas

© Simone Ribeiro Nolasco, 2010.

Coordenador Marinaldo Divino Ribeiro

Revisão e Normalização Eliete Hugueney de Figueiredo

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Diagramação Maike Vanni

Fotos do Banco C&C ① Franco Venâncio
② Helton Bastos
③ Rafael Manzutti
④ Ricardo Carracedo

Foto da capa: ***Nossa Senhora da Conceição***. Madeira Policromada. Século XVIII. Autoria desconhecida. Acervo da Matriz de Cuiabá pertencente à Mitra Arquidiocesana de Cuiabá. Foto de Ricardo Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nolasco, Simone Ribeiro
Patrimônio cultural religioso : a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá colonial / Simone Ribeiro Nolasco. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas : EdUFMT, 2010.

Bibliografia.
ISBN 978-85-87226-99-0 (Entrelinhas Editora)
ISBN 978-85-327-0355-2 (EdUFMT)

1. Antropologia 2. Brasil - História - Período colonial 3. Cuiabá (MT) - 1723-1808 - História 4. Cuiabá (MT) - Religião - Aspectos socioculturais 5. Religião e cultura - Cuiabá (MT) 6. Sagrado 7. Santos cristãos - Culto I. Título.

10-08134 CDD-981.021

Índices para catálogo sistemático:
1. Cuiabá : Mato Grosso : Patrimônio cultural religioso : Período colonial : História social 981.021

Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367 – Boa Esperança | Cuiabá-MT – CEP: 78.060-900
Fone: (65) 3615 8322 | Fax: (65) 3615 8325
edufmt@hotmail.com | www.ufmt/edufmt

Av. Senador Metello, 3773, Jardim Cuiabá | Cuiabá-MT – CEP: 78030-005
Telefax: (65) 3624 5294
editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Dedico este trabalho a Deus,

A meus pais José Nolasco (*in Memoriam*) e Irvine Ribeiro Nolasco.

À minha família e amigos por ajudarem-me a compreender a grande razão da existência: o "aprender a amar".

Ao Prof. Carlos Alberto Rosa, orientador deste trabalho.

Às Professoras Elizabeth Madureira e Maria Adenir Peraro, pelas contribuições inestimáveis.

Aos Professores Nicanor Palhares Sá, Artemis Augusta Mota Torres, Elizabeth F. de Sá, Vitale Joanoni Neto, Flávio Ferreira Paes Filho, Thereza Martha B. P. Guimarães, Ludmila de Lima Brandão e Rosemar Eurico Coenga pelo constante reconhecimento e apoio.

À Mitra Arquidiocesana de Cuiabá nas pessoas de seu Arcebispo Metropolitano Dom Milton A. Santos e Pe. Felisberto Samuel da Cruz.

À Secretaria Estadual de Cultura, representada pelo Secretário Oscemário Forte Daltro e sua Coordenação do Patrimônio Histórico, Maria Antulia Leventi.

À Paróquia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Ao Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Ao Museu de Arte Sacra de Mato Grosso e à Associação dos Produtores Culturais de Mato Grosso por nos permitir fotografar seus acervos.

À Universidade de Cuiabá (Unic) e meus colegas educadores pelo encorajamento constante.

Ainda à Prof.ª Adalgisa Arantes Campos e ao Prof. João Adolfo Hansen, fontes de inspiração nas aulas da Ufop.

À Remp-MT, Rede de Educadores em Museus e Patrimônio de Mato Grosso.

À Entrelinhas Editora nas pessoas de Maria Teresa do Pilar Carrión e Ricardo Miguel Carrión Carracedo por cederem, de seu banco de imagens, as fotos necessárias a esta publicação.

À Fapemat, Fundação do Amparo à Pesquisa de Mato Grosso, por seu patrocínio.

Prefácio

Este texto, escrito inicialmente para a dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal de Mato Grosso, inseriu-se na linha de pesquisa *Territórios e Fronteiras: Temporalidades e Espacialidades* do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Rosa.

Sua autora, mestre em Educação e mestre em História tem atuado em pesquisas no campo museal, promovendo reflexões e discussões sobre estes importantes "fóruns de memória", os museus, vinculados a experiências contemporâneas de interlocução entre passado e presente, e a atual desmistificação de seu papel como legitimadores de uma História oficial de caráter positivista. Atrelando História, Educação e Patrimônio seu olhar recai sobre o museu enquanto espaço construtor de conhecimentos e questionador de memórias e identidades.

Nesta publicação, o tema central são as devoções dos moradores da Vila colonial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, no período que compreende os anos de 1723 e 1808. Para desenvolver sua investigação, utilizou-se de manuscritos, inventários e testamentos localizados no *Arquivo Público de Mato Grosso*. Outras fontes documentais eclesiásticas e civis foram localizadas junto ao Arquivo D. Aquino Correia, do *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, além de arquivos paroquiais e de irmandades. Também abordados outros registros de época e acervos plásticos de imagens do século XVIII ainda presentes em igrejas e no Museu de Arte Sacra em Cuiabá.

Após o imenso esforço de efetuar o levantamento documental, que implicou no rastreamento da intimidade religiosa, da presença iconográfica dos santos e de objetos sacros que compuseram a piedade pessoal da população, a autora, apoiada em um referencial teórico-metodológico consistente, passou a empreender análises e reflexões que lhe permitiu vislumbrar o cotidiano e as representações que fizeram parte da existência dos moradores da freguesia do Senhor Bom Jesus. Mediante essas "memórias" a autora recuou no tempo realizando um valioso resgate das imagens, dos ofícios, dos cenários da Vila de há mais de duzentos anos – um "roteiro sagrado" de sua paisagem urbana.

O livro rompe com a falsa impressão de inexistência de acervo significativo de arte sacra na região, e o faz de forma segura mediante a apresentação da relação nominal de oficiais mecânicos portugueses ligados à escultura no termo da Cuiabá setecentista. Contribui decisivamente para esclarecer pontos importantes a respeito da situação de ruína e descaracterização de exemplares arquitetônicos do passado e o comércio ilegal da imaginária religiosa da Vila Real. O livro revela-nos ainda a importância de estudos mais pormenorizados sobre o aparato da arquitetura domiciliar na Vila, bem como sobre a iconografia religiosa, práticas culturais e a vida privada colonial nesta parte mais central do continente.

Pelo recorte inédito e relevante que deu ao tema e, pelas análises feitas, a leitura deste livro é recomendada a todos os estudantes e professores das Ciências Humanas e Sociais. Diria ainda que a presente pesquisa permite-nos vislumbrar um profícuo e valioso diálogo entre História e Arte, além de abrir possibilidades de interlocução entre pesquisadores do Brasil e de Portugal preocupados com o universo cultural e religioso do período colonial.

Por fim, trata-se de um agradável convite ao leitor para que conduza seu olhar às nuances da formação identitária e do universo cultural mato-grossense, relacionados tão intimamente a Portugal.

Cuiabá, maio de 2010.

Prof.ª Maria Adenir Peraro, do PPGHIST/UFMT

Sumário

Introdução 13

1 **O *Theatrum Sacrum* na Cultura Barroca** 23

1.1 **As Devoções da Idade Média ao Período Moderno** 25

1.2 **As Devoções a partir do Concílio Tridentino & o Teatro Sacro no Interior da Cultura Católica Portuguesa** 28

1.3 **A Estratificação Social no Antigo Regime Português** 34

1.4 **Devoções na Colônia** 36

1.4.1 A Organização da Igreja na Colônia e na Vila Real sob os olhos da Coroa Portuguesa 36

1.4.2 A Religião na Colônia 45

1.4.3 As Práticas de Devoções Públicas na Colônia 49

1.4.4 As Práticas de Devoções Privadas Coloniais 55

2 O Roteiro Sagrado da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá 59

2.1 A Vila do Cuiabá 61

2.1.1 A Espacialidade Urbana 61

2.1.2 Da Organização Doméstica e Social às Atividades Profissionais 66

2.2 As Devoções Públicas, os Festejos e as Artes na Vila Real 75

2.2.1 Os Templos e Irmandades 75

2.2.2 Os Festejos 92

2.2.3 Ofícios e Artes na Vila 95

2.3 Os Objetos Religiosos do Culto Privado 99

2.4 As Devoções Privadas na Vila. Aspectos Iconográficos e Iconológicos 109

Considerações finais 119

Referências 123

Introdução

1.

A temática de nossa investigação foi a presença estratégica das devoções católicas no processo de colonização e cristianização brasileira[1] e que tem sido abordada por estudiosos da religiosidade e História da Igreja, a partir, principalmente, dos anos noventa. Atualmente, novas investigações atestam que o interesse pela cultura religiosa do Brasil colônia continua crescente. Tratam-se de estudos sobre crenças, práticas e representações das devoções introduzidas pelo catolicismo português e que, atravessando os séculos, foram sendo reelaboradas e reinventadas pela diversidade dos grupos étnicos que constituíram a história cultural e espacial de nosso território. Estamos cientes da necessidade de os estudos nesta área vincularem-se mais estreitamente às estruturas do contexto imperial português, possibilitando estudos comparativos entre as duas culturas.

Ao nos debruçarmos sobre o período colonial é imprescindível considerar a dimensão religiosa desta população, em que os valores católicos envolviam todos os aspectos da vida social de então; o cotidiano se organizava pelo calendário litúrgico, os rituais e festejos eram investidos de caráter religioso (ainda que agregados a rituais pagãos), tanto quanto a crença na vida pós-morte a repercutir na economia dos vivos e na formação da estrutura familiar que obedecia a critérios instituídos pelo cristianismo.

1 Esta publicação é parte da pesquisa de Mestrado intitulada *As Devoções na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá – O culto aos padroeiros – 1723 a 1808*, concluída em 2002 pelo Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Rosa.

No século XV, a Igreja Católica romana firmara junto aos Reinos de Portugal e Espanha o Tratado do *Padroado Régio da Ordem do Cristo*[2], que delegava aos reinos ibéricos a organização e administração da Igreja Católica em seus novos domínios. O Rei português, por delegação papal, chefe espiritual das novas terras conquistadas, assumia responsabilidade política, administrativa e religiosa bastante oportuna no processo ideológico colonizador e no projeto missionário delineado na Reforma Tridentina; investia-se, então, de poderes políticos e religiosos, com total liberdade de construir templos, nomear prelados, novos bispados e seus titulares (após aprovação papal), recolher dízimos, provimento de condições para o culto, além da promoção de devoções. Esta atuação eminentemente leiga da Igreja nos primeiros tempos do processo colonizador na América Portuguesa utilizara junto ao elemento indígena e africano meios de coerção física e ideológica, com vistas ao engajamento destes nos processos produtivo e mercantilista.

Segundo Sá (2001), as práticas culturais populares ou eruditas do período não se eximiam à ação da Igreja ou a uma sua tentativa de controle. Apontamos aí a própria constituição do traçado espacial urbano das vilas e cidades do além-mar que obedecia às normas canônicas instituídas pelo Padroado.

O objetivo deste trabalho foi o de dar visibilidade às devoções dos moradores da Vila colonial do Cuiabá, a partir de documentos cartoriais, testamentos e inventários que se estendem de 1723 a 1808.[3] Neste período, o culto aos santos ganhou sentidos, representações e práticas muitas vezes distintas daquelas vindas do território luso-europeu, constituindo-se novas formas de espacialização de poder.

No interior dessa pequena sociedade colonial que se constituiu nos sertões da colônia, parte mais central do continente e região fronteiriça, uma tentativa de rastreamento da intimidade religiosa e a presença iconográfica dos santos (oragos) e de objetos sacros que compuseram a piedade pessoal desta população: sejam lâminas, painéis, quadros, oratórios, rosários e livros religiosos. Esses signos sagrados presentes há mais de duzentos anos em altares e oratórios de

2 O Padroado formalizou-se através de duas Bulas expedidas pelo pontífice Adriano VI a D. João III, O Piedoso em 1551. Neste mesmo ano constituía-se o Bispado da Bahia. Somente no século XVII Roma passa a se preocupar com o processo de evangelização colonial buscando restringir a ação do Padroado a partir de 1622 com a criação da Congregação para a Propagação da Fé.

3 A data inicial de nosso recorte temporal, 1723, justifica-se como data da criação da primeira freguesia na Vila do Cuiabá. Ativemo-nos a 1808 com a chegada do primeiro titular do bispado, o Dr. Luis de Castro Pereira, que fora eleito desde 1805 pelo monarca português, com todos os poderes para executar as faculdades episcopais na prelazia de Cuiabá, criada desde 1746.

igrejas, museus e residências de antigos moradores, e que conforme Panofsky (1989, p. 25) são "[...] registros congelados e estacionários que emergem da corrente do tempo." Parecem murmurar, gritar, conter segredos, senão pistas de um passado que se foi, mas que, por meio deles parece continuar vivo. Se não vivos e se não capazes de dar vida ao que se foi, são capazes de iluminar aspectos desta vida pregressa e certa compreensão do presente. Essa uma tentativa de diálogo. O "falar com o morto" só nos parece válido quando visamos interesses no presente. Conhecer a memória, embora a reconhecendo temporal, é enriquecer-nos na procura de um entendimento humano do hoje. Não cremos ter conseguido dar vozes ao que subjaz mudo, sepultado, mas na possibilidade de termos evidenciado posições de agentes históricos desse passado, a partir de indicadores, dando visibilidade a relações de poder, a articulações, concepções, representações culturais até então pouco evidentes e que nos faz compreender aspectos ideológicos forjados no presente.

Em nossa viagem no tempo, as imagens como fragmentos se foram colando uma a uma e se nos apresentou um grande mosaico: uma região de riquezas naturais e ampla diversidade étnica e cultural; ambiente habitado por nações indígenas, africanos, sertanistas portugueses; uma comunidade intensamente hierarquizada.

No século XVIII, os objetos sacros da cultura católica, componentes materiais das devoções, não assumiam para a grande massa de fiéis iletrados a atual concepção de obra de arte. As imagens de santo nesse ambiente colonial, percebidas como mensagens de cunho espiritual e taumaturgo, envergavam também mensagem política, de expressão de virtudes, de valores emocionais, subjetivos. Lembramos Maravall (1997), quando ao falar da arte barroca relaciona-a aos recursos de ação psicológica exercidos pelas obras artísticas e literárias da sociedade do Antigo Regime e aos objetivos sociopolíticos no emprego de meios visuais enquanto elementos de uma cosmovisão barroca.

A aproximação com tema via documentação processual e crônicas de época possibilitou-nos vislumbrar o cotidiano dos moradores da freguesia do Senhor Bom Jesus e as representações que faziam mesmo de sua existência. A partir, pois, dessas "pequenas memórias" foi-nos possível recuar no tempo, resgatando imagens da Vila de há mais de duzentos anos.[4]

A obra *Casa Grande e Senzala*, de Freyre (1993) nos traz elementos importantes sobre hábitos da religiosidade privada na colônia e nos alerta sobre a

4 Freguesia ou paróquia: território da administração eclesiástica